POR ONDE ANDA MINHA ALMA: UM ENCONTRO COM EROS

*Aline Gonçalves Machado*

*Supervisor: Gelson Luis Roberto*

Você já notou o toque suave de um sabonete em sua mão? Percebeu a textura, sentiu o aroma, notou a maciez? É como um carinho, um toque suave e aveludado daquele líquido que tem como função limpar a sua mão. Mas ele faz muito mais que isso, se você se tornar sensível a experiência, se você permitir a presença da sua alma naquele momento, aquele toque agradável do sabonete em sua pele te conduz de volta para o mais terno e acolhedor carinho que você já experimentou.

Essa lembrança, desse toque de outrora, invade sua mente e te faz recordar o quanto é importante o toque suave da pele, que delícia que esta suavidade te proporciona e te faz desejar viver esta experiência todas as vezes que for possível, pois é um carinho que evoca questões do corpo e te levam a um nível mais profundo da alma, e você se encontra literalmente lavando as mãos. Porém, a experiência se amplia para o toque na sua alma, se você permitir que ela esteja presente.

Esta experiência, esta percepção das delícias, das sensações e do encantamento da vida é a presença de Eros em nossa psique. É uma vida cultivada por Eros, que é uma força desejante, uma força de atração que nos impulsiona e nos leva em direção a algo. Que proporciona intensidade aos eventos, aguçando nossos sentidos para registrarem todas as sensações envolvidas naquele momento.

Quando Eros está presente, somos tomados pelo desejo e o desejo é um valor de alma que precisa ser reconhecido, cultivado e contemplado. A alma precisa ser reverenciada para continuar se expressando. Quando não se reconhece o valor da nossa alma nós literalizamos, perdemos o aspecto interior da psique e ficamos no materialismo, no concreto. Aí perdemos a alma, e passamos a viver sem sentido, sem conexão.

Barcelos (2019) afirma que onde há alma, há Eros, e onde há Eros, há alma ou deveria haver, se não há, estamos doentes.

Segundo Brandão (1989) o mito de Eros e Psiquê nos apresenta Afrodite, a deusa do amor, com ciúmes de uma mortal, a Psiquê.

Psiquê é uma mortal belíssima, que chama a atenção dos homens por sua beleza, sendo chamada inclusive de a jovem Afrodite. Os homens estavam deixando de venerar a deusa Afrodite para reverenciarem a jovem mortal Psiquê.

Irada, Afrodite pede para seu filho divino Eros para flechar Psiquê e fazê-la se apaixonar pela mais feia das criaturas. Porém, quando Eros vai executar as ordens da mãe, eis que ele se apaixona pela bela Psiquê, desobedecendo sua mãe, e pede para Apolo, em segredo, organizar o casamento. Assim, Psiquê é dada em casamento para Eros, mas como tudo foi organizado contra os desejos de Afrodite, Eros proíbe Psiquê de olhar para ele, mantendo assim sua identidade em sigilo.

Durante o dia Psiquê desfruta do Palácio de Eros e a noite, Eros retorna ao lar e encontra-se com Psiquê no escuro.

Psiquê percebe a paixão de seu marido sentindo em seu corpo a sua ternura e o desejo por ela. Porém, movida pela curiosidade e pelas intrigas das irmãs, que por inveja e ciúmes convencem-na que seu marido é na verdade um monstro que deve ser morto.

Numa certa noite, Psiquê aguarda o marido com um punhal e um candeeiro, e assim que ele adormece ela ilumina seu rosto e percebe que está casada com Eros, o filho da deusa Afrodite. Atordoada deixa cair o punhal, e ao tentar recuperá-lo fere-se em uma das flechas de Eros e se apaixona pelo marido, e desastrosamente deixa cair uma gota de óleo quente em seu amado que acorda e voa para longe.

Desesperada, por ter desobedecido o marido e sabendo que ele não voltará, Psiquê vai até Afrodite implorando que lhe ajude a trazer Eros de volta. A sogra que não desejava aquela união, propõe a mortal 4 tarefas consideradas impossíveis de serem executadas: a separação das sementes, recolher fios de lã de ouro dos carneiros, trazer um jarro de água do rio Estige e trazer em uma caixinha o ungüento da beleza de Perséfone. Tarefas que Psiquê executa e ao falhar na última, pois desobedeceu as recomendações de não abrir a caixa com o conteúdo que havia ido buscar no mundo Avernal, cai em sono profundo. E Eros vendo sua amada, condenada ao sono eterno, vai ao seu encontro e a salva com um beijo. E a leva para o Olimpo e lá Zeus abençoa a união dos dois e Psiquê recebe o elixir da imortalidade.

Percebemos que chegar até o Eros é um desafio para nossa alma, ele está disponível mas exige um compromisso para chegar até ele.

Eros é uma força animadora que nos impele a ir em busca de quem nós somos, para irmos profundamente em nossa psique. Através do desejo que ele coloca em nós, ele nos lança na procura de tornarmo-nos conscientes de nós mesmos, esse desejo é uma busca por si mesmo um anseio por conhecer a si. Assim, é esta força que conduz nosso processo de individuação.

Este deus precisa de uma imagem para manifestar-se, Psiquê é alma, Psiquê é imagem. O encontro de Eros e Psiquê gera a uma filha, a Volúpia que é o prazer dos sentidos e das sensações.

Este encontro, desperta um valor de alma e na medida que essa força de Eros se relaciona com a vida, a partir da imagem, seja um som, um cheiro, um sabor ou uma imagem visual, Eros vai sendo elaborado, ganhando riqueza e profundidade, conduzindo nosso processo de individuação a seguir a diante.

E ainda, este encontro é o que proporciona um desenvolvimento psíquico, pois a relação entre Eros e Psiquê se dá a partir da tomada de consciência, antes Psiquê tinha um amante que ela não podia olhar. O encontro, produziu uma relação e a possibilidade do conhecimento.

É através de Eros que chegamos ao mais profundo auto-conhecimento. Pois ao reverenciar o valor de alma que ele nos revela adentramos em nosso psiquismo, desvendando nossos mistérios e conscientizando-nos de quem somos.

Estamos falando de uma força criativa que traz amor e gera prazer. Quando não está presente vivemos desprovidos de alegria, de interesse, de prazer, numa incapacidade de perceber as cores e os sabores do mundo.

Contudo, o processo de individuação não cessa quando o ego perde a conexão com Eros. No mito, são as formigas que separam as sementes enquanto a Psiquê dorme, mostrando que há aspectos do inconsciente que impulsionam o processo de individuação, pois o movimento de individuação vai além do ego, existe uma força impulsionando e mostrando o caminho, mesmo que o ego não tenha condições de fazer isso. O processo de individuação é maior do que ego. Existe uma instância interna autoreguladora da psique, o Self.

O Self busca saídas e recursos mesmo que o ego não perceba conscientemente que existam possibilidades. Se a gente consegue suportar a tensão dos opostos, o Self mobiliza forças arquetípicas (as formigas) para realizar a tarefa (separar as sementes).

Cowan (2004) trás que Eros não reside apenas na alma, está lá fora, no mundo, em tudo o que nos atrai e desperta-nos e promete prazer. Nas ocorrências diárias da vida, são entendidas como as manifestações urgentes do deus alado Eros.

Assim nossa alma estará presente em nossa vida se reconhecermos e cultuarmos seu valor apresentado neste encontro entre o amor e a imagem, Eros e Psiquê.

Porém, as exigências do mundo externo tomam nosso tempo e nossos sentidos e deixamos passar desapercebidos os sinais da alma. E acabamos muitas vezes insensíveis. Não reconhecemos seus sinais e assim deixamos de viver os encantamentos da vida e passamos a viver cansados, estressados, ocupados, muitas vezes infelizes ou doentes.

Eros te conduz a uma experiência nova com aquilo que é teu velho conhecido, você fica marcado por aquela experiência por tocar na alma e isso te transforma, te renova, te encanta, e você se surpreende com o que já era conhecido. Com a presença de Eros os sentidos estão sensíveis a serem tocados pela experiência, como se os sentidos se tornassem canais de conexão além da dimensão física. Você escuta, olha, nota o aroma, o toque, sente o sabor e esse conjunto alinhado produz um efeito que te surpreende, e aquela conhecida experiência de repente, se mostra uma novidade, se mostra uma vivência porque você permitiu a presença de sua alma ali.

Vivendo essa experiência de conexão entre o logos e a emoção. Deixa o coração se comunicar, deixa a alma conduzir os acontecimentos, e eles se transformarão em eventos transbordando emoção e encantamento. E a vida deixa de ser uma sucessão de fatos para ser uma sucessão de emoções, de glória, de júbilo, de surpresa e alegria, mas também pode ser tristeza, decepção e frustração, mas essa é a diversidade da vida.

A alma te conecta com a grandiosidade da vida, desde que você esteja receptivo para este encontro, aberto ao encanto apresentado no encontro entre Eros e Psiquê, pois isso implica um olhar mais profundo que rompe com o óbvio e o concreto. O que há por trás de um fato? Fato: o sol nasceu. O que você sentiu ao ver o sol nascer? Tem se permitido se relacionar com esta experiência? O que ela representa para você? Para onde ela te conduz internamente? Para uma lembrança? Para um lugar? Para uma experiência? Aliás, você tem visto o sol nascer? Tem se permitido se relacionar com esta experiência? Tem reconhecido os valores que sua alma te apresenta?

Você está transformando um fato em experiência, prestando atenção de maneira cuidadosa? Esta cultuando o que sua alma está pedindo? Caso a resposta seja não, preciso te informar você não está vivendo está apenas existindo.

Sim existindo, seu coração bate num ritmo compassado e concordante, você inspira oxigênio e expira gás carbônico. Você locomove-se usando suas pernas, colocando um pé na frente do outro, ou não, talvez você faça isso em uma cadeira de rodas ou utilizando muletas, estes eventos tem sua própria performance, que vão muito além disso. Os deuses falam através deles e a sua alma pode encontrar coisas novas através dessas possibilidades.

E muitas vezes realizamos estes desempenhos sem perceber como estamos nos sentindo. O que aquele momento de execução está nos proporcionando internamente.

Cowan (2004) compartilha sua experiência com Eros que a fez agir compulsivamente, sem pensar ou refletir. Ela relata a vez que fez amor com um pêssego grego.

"Eu estava viajando com um amigo através da ilha grega de Rhodes, em uma moto, em julho de 1987. Estávamos circundando a costa da ilha, estava muito quente e o céu era de um azul brilhante sem nuvens. As construções de pedra dos vilarejos ofuscavam a visão por sua cor alva. Aqui e ali pessoas se moviam lenta e languidamente no calor. Meu amigo e eu paramos num pequeno aglomerado de lojas um pouco afastadas da orla marítima para apreciar uma fonte pública construída em pedra, embaixo de uma enorme árvore frondosa. A poucos metros da fonte, havia uma barraca de frutas, sombreada por um grande guarda-sol. Olhei para ela e Eros imediatamente atirou uma de suas flechas com ponta de ouro em meu coração: ali, em meio àquela miscelânea de frutas frescas, estava um pêssego enorme, um pêssego do tamanho de uma grande toranja, maior e mais bonito do que qualquer outro que eu, conhecedora de pêssegos, jamais havia visto. Seu tom era de um leve dourado com dois riscos vermelho-púrpura. Era coberto por uma penugem incomparável e perfeitamente moldado para caber exatamente na minha mão aberta. O desejo me invadiu. Busquei freneticamente dinheiro em meu bolso, quase rasgando meu short. E ele me deu a Afrodite dos pêssegos, o único desse tipo jamais produzido no planeta. Agora era meu, todo meu. Não conseguia tirar os olhos dele, nem parar de acariciar sua penugem macia enquanto eu suavemente o carregava até o banco de pedra sob a árvore solitária, como se o estivesse levando para um quarto nupcial. E o pêssego sussurrou: "Toma-me, sou teu." E eu fechei os olhos e dei-lhe uma mordida, e foi como fazer amor com a criatura mais incrível, ir para o céu, compreendendo todo o significado da vida de uma só vez. Fiquei sentada ali, alheia às inquietações de meu amigo, que estava ansioso para retornar à estrada. Levei quase uma hora para comer aquele pêssego, com seu suco percorrendo meu queixo e meu pescoço e com um frescor líquido e doce entrando na minha blusa, pingando suavemente para dentro de lugares secretos." (Cowan, 2004)

Assim, impulsionados por esta força que imprime desejo e sensações aos eventos, revelando o valor e o sentido de nossa alma, prosseguimos na construção de nosso processo de individuação.

**REFERÊNCIAS**

BARCELLOS, Gustavo. **Mitologias arquetípicas.** Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega V.II.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1989.

COWAN, Lyn. **Quando Eros parte; Quando Eros retorna.** Anais XII Simpósio AJB. Minas Gerais, 2004.